

NOTAS SOBRE A FAMÍLIA TRANSNACIONAL

Igor José de Renó Machado*

Victor Hugo Kebbe**

Cristina Rodrigues da Silva***

Esse artigo pretende discutir a noção de família transnacional, bastante importante para os estudos recentes de migrações internacionais. Para a realização desse intento, adotamos um formato que, enquanto oferece um panorama bibliográfico da família transnacional, também oferece um exemplo etnográfico de processos que envolvem e são produzidos por famílias transnacionais.

Palavras-chave: Família; Família Transnacional; Migrações Internacionais

This article intends to investigate the notion of “transnational family”, which has been a key concept for the recent studies of international migration. We adopt a format that presents a bibliographical review of the transnational family and also presents an ethnographic example of processes that are produced by transnational families.

Keywords: Family; Transnational Family; International Migration

Introdução

Esse artigo pretende discutir a noção de família transnacional, bastante importante para os estudos recentes de migrações internacionais. Para a realização desse intento, adotamos um formato que, enquanto oferece um panorama bibliográfico da família transnacional, também oferece exemplos etnográficos de processos que envolvem e são produzidos por famílias transnacionais. No caso, trata-se de resultados de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelo grupo “antropologia

* Professor da UFSCar, pesquisador do CEMI/UNICAMP. Coordenador do grupo de pesquisa “Antropologia das Migrações”, coordenador do PPGCSO.

** Doutorando em Ciências Sociais (PPGCSO/UFSCar).

*** Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFSCar).

das migrações” (UFSCar) entre famílias transnacionais em Governador Valadares, conhecido centro de emigração internacional no Brasil.

Para discutir a noção de família transnacional, entretanto, é necessário tecer algumas reflexões mais gerais sobre a noção de família, da qual a primeira seria uma espécie de “variedade”. Ao fazer essa discussão de um ponto de vista antropológico, porém, veremos que a noção de família transnacional não pressupõe nenhuma tipologia nem modelo, mas um princípio de organização baseado na relação de seus membros espalhados por mais de um país. No mais das vezes, o que se diz como “família transnacional” não passa de uma forma de relação calcada numa espacialidade distinta, marcada pela experiência migratória.

Essa perspectiva relacional deve muito às discussões mais recentes sobre a própria noção de família, que tendem a dissolver a preocupação com modelos e tipologias, para pensar em princípios de relação entre os que se dizem e se sentem familiares. Portanto, devemos passar por uma pequena revisão sobre a noção de família para, em seguida, apresentar como a bibliografia recente tem tratado a noção de “família transnacional”. Como forma de concluir o artigo, apresentamos, mais detidamente, um exemplo etnográfico que ilustra algumas das relações que estruturam as famílias transnacionais.

Sobre a Família

No âmbito das Ciências Sociais há inúmeros estudos sobre a família, principalmente na Antropologia. O leque de discussão varia desde a tentativa de construir modelos e caracterizar tipos de famílias até a discussão recente sobre a pluralidade de novos arranjos familiares.

Durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX, o grupo familiar foi alvo de uma série de teorias evolucionistas que apresentavam tipologias e buscavam padrões de desenvolvimentos, sempre com o pressuposto de que os povos tidos como “mais simples” e anteriores ao modelo ocidental correspondiam a estágios primitivos da evolução humana enquanto que os povos tidos como “modernos” eram vistos como mais complexos e avançados.¹ Henry Maine,² por exemplo, compara sociedades “primitivas” e “modernas”, indicando que as primeiras

¹ Cabe lembrar que os autores evolucionistas trabalhavam com conjecturas e tinham em comum a idéia de uma história única (universal) da humanidade, na qual a evolução significava progresso, isto é, as sociedades modernas eram consideradas como complexas, mais desenvolvidas e evoluídas do que as sociedades tidas como antigas (que eram mais simples e primitivas). Sobre isso, ver: CASTRO, Celso (org). *Evolucionismo Cultural*.

² MAINE, Henry. *Ancient Law*.

baseavam-se em laços de sangue (porque as relações sociais desses povos só se referiam, segundo o autor, às relações entre famílias e eram caracterizadas por relações de promiscuidade familiar); enquanto que as segundas eram calcadas em laços de solo (uma conjunção entre território e Estado na qual se estabelecia um contrato social). McLennan,³ criador dos termos endogamia/exogamia, construiu um modelo das formas de casamento que explicava a passagem da poliandria para a poligenia, mostrando que nos povos mais primitivos houve uma fase de promiscuidade, que deu lugar ao matriarcado e, tempos depois, ao patriarcado, característico dos povos tidos como mais civilizados. Morgan,⁴ a partir do seu estudo com os índios norte-americanos, descreveu a evolução da família de um estado de promiscuidade (família consangüínea) até a fase que caracterizaria o núcleo familiar moderno (família monogâmica).

Numa outra vertente teórica, a do funcionalismo, B. Malinowski⁵ compreendia a família como uma unidade sintética na qual se conjugaria o biológico, o psíquico e o social. Mais que isso, ao buscar o que poderia haver de geral na particularidade dos costumes e crenças de cada povo, o autor imaginava que as características biológicas do homem determinam necessidades básicas que seriam satisfeitas por todas as culturas e forneceriam, portanto, parâmetros universais do desenvolvimento cultural. Haveria um “fundo natural” para a compreensão das manifestações culturais, no qual a família teria como função atender a necessidades biológicas, tais como: reprodução, sobrevivência e alimentação/nutrição.⁶

Essas teorias, tanto a evolucionista como a funcionalista, são consideradas ultrapassadas hoje, mas cabe notar que a primeira nos revelava o modelo de família nuclear como o ponto máximo da evolução, enquanto que a segunda nos mostrava a noção de família como algo natural e pertencente ao plano biológico.

Em contrapartida a tudo isso, Claude Lévi-Strauss⁷ procurou desnaturalizar e colocar no plano sociológico a noção de família. Segundo ele, a família compreende, ao menos, três características:

- (1) tem sua origem no casamento; (2) é constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união, conquanto seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo; (3) os membros da família

³ MCLENNAN, J. F. *Primitive Marriage*.

⁴ MORGAN, Lewis H. *Ancient Society*.

⁵ MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*.

⁶ Sobre Malinowski, ver: DURHAM, Eunice R. (org.). *Malinowski*.

⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Família”.

estão unidos entre si por (a) laços legais, (b) direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, (c) um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como o amor, afeto, respeito, medo, etc.⁸

Com relação à universalidade da família, Lévi-Strauss afirma que ela é vista como “quase” universal, pelo fato de que há casos em que não se pode admitir a existência de laços familiares, como o povo Nayar da Índia⁹. No entanto, ao contrário do que pressupunham os evolucionistas, o autor, ao buscar correlações entre as diversas sociedades, indica que é possível encontrar com bastante frequência a ocorrência de casamentos monogâmicos nas sociedades humanas (isto é, a configuração de uma família conjugal monogâmica não somente nos povos tidos como “modernos”).

Para Lévi-Strauss, a criação de uma família só é possível com a existência prévia de duas outras famílias, que ao estabelecerem alianças entre si, iniciarão uma terceira e assim por diante. Assim, as famílias produzem o casamento – “o principal expediente legal de que dispõem para estabelecer alianças entre si”. E é a proibição do incesto que estabelece essa dependência mútua entre elas, pois não podendo haver casamentos dentro das mesmas, será preciso casar-se entre si. A família, portanto, representa a aliança, e por isso não é considerada um fenômeno da ordem do natural.

Françoise Héritier,¹⁰ em contribuição ao trabalho de Lévi-Strauss, indica que afora as relações físicas de gestação, parto e aleitamento (que se referem à relação mãe/filhos), nada é biologicamente fundado na instituição familiar.¹¹ Sua argumentação revela um aparente paradoxo que a noção de família instaura:

(...) a família é certamente um dado universal, mas apenas no sentido de que não existe nenhuma sociedade desprovida de uma instituição que desempenhe em toda a parte as mesmas funções: unidade econômica de produção e consumo, lugar privilegiado

⁸ *Ibidem*, p. 314.

⁹ Nessa tribo, o estilo de vida guerreira dos homens, proíbe-lhes fundar uma família, no sentido definido por Lévi-Strauss.

¹⁰ HERITIER, Françoise. “Família”

¹¹ Com relação à apreensão de fatos naturais como culturais, temos o trabalho de David Schneider que oferece uma visão de que o parentesco não é natural, e sim um dado cultural. Assim, ao estudar o parentesco americano, o autor passa a compreender a família como um sistema cultural. Logo, tanto o parentesco quanto a família são vistos como sistemas simbólicos e independentes, capazes de serem compreendidos por seus próprios termos. O próprio Schneider também antecipa a problematização sobre a dicotomia Natureza/Cultura. SCHNEIDER, David. *American Kinship: a cultural account*.

do exercício da sexualidade entre parceiros autorizados, lugar da reprodução biológica, da criação e socialização dos filhos. Neste âmbito, ela obedece sempre às mesmas leis: existência de um estatuto matrimonial legal que autoriza o exercício da sexualidade entre pelo menos dois membros da família (ou que prevê os meios de a isso suprir), proibição do incesto (relação sexual ou casamento), divisão do trabalho segundo os sexos. No entanto, mesmo que o modo conjugal monogâmico, com residência comum dos cônjuges, seja o mais difundido, a extrema variedade das regras que contribuem para o estabelecimento da família, para a sua composição e para a sua sobrevivência, demonstra que esta não é – nas suas modalidades particulares – um fato natural, mas pelo contrário, um fenômeno altamente artificial, construído, um fenômeno cultural portanto.¹²

Toda essa discussão é, de certo modo, melhor problematizada e explorada a partir dos anos 70. A produção acadêmica sobre parentesco e família – marcada, sobretudo, pela crítica dos estudos feministas¹³ – passa a abordar:

- 1) A transformação da “família” de unidade natural, arraigada em processos biológicos, em produto ideológico historicamente produzido;
- 2) A ênfase nas estruturas subjacentes de gênero, geração, sexualidade, raça e classe – estruturas que sublinham divisões sociais e desigualdades;
- 3) A re-significação do trabalho de “cuidar” (*nurturance*), e a crítica às oposições indivíduo x comunidade, privado x público;
- 4) A valorização das vivências diferenciais da vida familiar que destacam tanto experiências de conflito e abuso quanto apoio;
- 5) A rejeição da noção de família enquanto unidade autocontida (autônoma ou isolada), e a insistência na relevância de políticas sociais e outras forças nacionais ou globais que perpassam as relações interpessoais.¹⁴

¹² HÉRITIER, Françoise. “Família”, p. 85-86.

¹³ Sobre isso, ver: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. “Antropologia e Feminismo”. PISCITELLI, Adriana. “Recriando a Categoria Mulher”. THORNE, Barrie. “Feminism and the family: two decades of thought”.

¹⁴ THORNE, Barrie. *Feminism and the family: two decades of thought*. Apud FONSECA, Cláudia. “De família, reprodução e parentesco: algumas considerações”. *Cadernos Pagu*. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 29, 2007, p. 13.

Essa nova abordagem crítica preocupava-se com uma análise contextualizada das múltiplas formas familiares decorrentes das novas mudanças que surgiam na sociedade “euro-americana”: individualismo,¹⁵ maior participação feminina no trabalho, separações, baixa na taxa de casamentos, famílias monoparentais, etc. Dessa forma, os trabalhos produzidos nas últimas décadas, passaram a questionar as visões eurocêntricas (que naturalizam modelos de reprodução) e a buscar teorias e análises que dessem conta de abordar e evidenciar os processos de hierarquia, desigualdade e diferença encontrados nos grupos estudados. Surgiram, assim, diversos trabalhos que interligavam abordagens sobre classe, raça, gênero, família, etc., nos vários segmentos da sociedade. No cenário brasileiro, podemos destacar os estudos de Luiz Fernando Dias Duarte¹⁶, Cynthia Sarti¹⁷, Cláudia Fonseca¹⁸, Simoni Guedes¹⁹ e Michelle Lima²⁰ sobre as classes trabalhadoras/grupos populares; e os de Gilberto Velho²¹ sobre as famílias de classe média.

A própria idéia de que haveria uma hegemonia da família nuclear e conjugal no ocidente, como diziam os evolucionistas, foi colocada em cheque ao longo dos anos, principalmente com o advento, na década de 80 e 90, das novas tecnologias de concepção e reprodução, que fizeram com que os pesquisadores (re)pensassem continuamente a noção de família e de parentesco. Marilyn Strathern²² tem demonstrado como os discursos recentes sobre os desenvolvimentos das tecnologias de procriação questionam o lugar da natureza não apenas no parentesco, mas na cultura ocidental de forma mais ampla. A natureza não está mais “lá”, num lugar fixo ao qual se opõem os processos culturais; a natureza é tão produzida

¹⁵ François Singly afirma que a “família moderna 2” – a família dos anos 70 em diante – compõe-se com a individualização, isto é, que os laços familiares, conjugais ou de filiação, são estabelecidos a partir dos indivíduos (unidades significativas); em contraposição com a “família moderna 1” – modelo que iria do começo do século XX até os anos 70 – que se caracterizava por uma lógica de grupo, calcada no amor e na afeição. SINGLY, François. “O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar”. Sobre família e individualismo no caso brasileiro, destaca-se o trabalho de MACHADO, Lia Zanotta. “Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil”.

¹⁶ DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*.

¹⁷ SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*.

¹⁸ FONSECA, Cláudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*.

¹⁹ GUEDES, Simoni; LIMA, Michelle. “Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores”

²⁰ *Ibidem*.

²¹ VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*; VELHO, Gilberto. “Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias”.

²² STRATHERN, Marilyn. *Reproducing the future: Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*.

quanto a cultura. Assim, essas novas tecnologias de reprodução moldam as relações de parentesco, corpo e pessoa na sociedade ocidental.²³

Em continuidade com a abordagem de Strathern,²⁴ Janet Carsten²⁵ afirma que alguns fenômenos da vida moderna, como os tratamentos de fertilidade, os testes genéticos, a concepção póstuma, a clonagem, o mapeamento do genoma humano, carregam consigo a possibilidade de por à prova alguns pressupostos fundamentais sobre a construção das famílias no ocidente. Estes fenômenos colocam em questão o mundo privado das famílias, evidenciando as relações com o Estado, o aparato legislativo, os projetos de nação, e levantam questões sobre a construção da pessoa, gênero e substâncias corporais. Outras práticas também proporcionaram novas perspectivas sobre a vida familiar: a visibilidade dos casais homossexuais (“homoparentalidade”)²⁶ e a crescente onda de adoções transnacionais²⁷, principalmente nos países da Europa.

Assim, hoje é possível pensar a noção de família relacionada com parentesco e gênero, e produzindo, juntos, diferentes configurações às sociedades, nos fazendo repensar no dinamismo de categorias e relações de acordo com os contextos explorados.

Sobre a família transnacional

Como perceberam Schiller, Basch e Blanc,²⁸ a globalização altera a dinâmica entre espaço e tempo, devido aos avanços tecnológicos em meios de transporte e nas comunicações. Isso afetou a experiência da migração, pois muitos migrantes, longe de se incorporarem à sociedade receptora escolhida, criavam laços extensos não apenas com algumas instâncias da sociedade para a qual migraram como também com a sociedade de origem, nos fazendo pensar, portanto, em “transmigrantes” e não migrantes: “transmigrantes são migrantes cujas vidas cotidianas

²³ Strathern destaca o caso da gravidez de aluguel que sugere a partição do papel da mãe, estabelecendo que a mãe configura-se em dois corpos distintos: “mãe + embrião” e “mãe de aluguel” e a separação entre pai biológico e pai social com o uso de novas tecnologias (partição de um processo que antes era indivisível, isto é, pai biológico = pai social), nos suscitam novas questões sobre como pensar o parentesco com a aplicação dessas tecnologias na nossa sociedade. Outro estudo relevante sobre este tema é o de LUNA, Naara. *Provetas e Clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ CARSTEN, Janet. *After Kinship*.

²⁶ Sobre isso ver: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*; HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*.

²⁷ HOWELL, Signe. “Kinning; the creation of life trajectories in transnational adoptive families”.

²⁸ SCHILLER, Nina Glick., BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”.

dependem de múltiplas e constantes interconexões que cruzam fronteiras internacionais e cujas identidades públicas são configuradas em relacionamento com mais de um Estado-nação”²⁹, ou seja, criam vínculos culturais, sociais, políticos e até mesmo econômicos tanto com a nação receptora quanto com a nação de origem.

Estas novas percepções teóricas seriam constituintes do que atualmente se chama “transnacionalismo”. Esse posicionamento teórico pretende entender os movimentos de pessoas entre fronteiras nacionais e espaços sociais ou culturais, desenvolvendo suas vidas cotidianas com base não na “cultura de origem” ou “cultura pré-migratória”, tão menos unicamente nos costumes e modos de vida da cultura receptora, mas sim no surgimento de uma síntese, um novo arranjo de símbolos e significados culturais agora híbridos e não necessariamente vinculados a apenas uma localidade ou território físico.

Apesar do transnacionalismo primar pela análise das implicações sociais, políticas e culturais dos movimentos migratórios e do surgimento de inúmeros “choques culturais”, esta perspectiva ampla das migrações ainda não seria capaz, na visão de vários autores, de dar conta da família transnacional, grupos familiares distendidos em vários pontos do globo e que não necessariamente perdem os vínculos familiares quando colocados em novos contextos sociais.

Para Bryceson e Vuorela,³⁰ as famílias transnacionais são definidas “como famílias cujos membros vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando atravessam fronteiras nacionais”,³¹ possuindo a capacidade de elaborar e reelaborar vários sentidos de identificação que não são inteiramente apreendidas nos estudos transnacionais ou de migração típicos. Se no Ocidente a idéia de família pode estar atrelada a casa, ao ambiente familiar,³² ou seja, o “viver em família” cotidianamente, como entender, portanto, o sentimento de unidade dessas famílias cujos membros são, em boa parte do tempo, ausentes, famílias em que os pais, filhos ou outros parentes migram para garantir a renda familiar em outro país?

Frente aos estudos da globalização que pensam nos meios de comunicação, transporte e fluxo de capital ou mesmo aos estudos transnacionais atuais que discutem a movimentação de pessoas pelo

²⁹ *Ibidem*, p. 48. Tradução livre do original em inglês.

³⁰ BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla. *The Transnational Family*.

³¹ *Ibidem*, p. 3. Tradução livre do original em inglês.

³² *Ibidem*, p. 28.

globo e a produção de “culturas híbridas”, Bryceson e Vuorela³³ percebem que ambos os tipos de estudo abordam temas que abrangem a família transnacional, apesar de não a terem como foco de análise. Os estudos transnacionais seriam considerados fracos para o entendimento dessas famílias que atravessam e re-significam as fronteiras nacionais, uma vez que essas famílias nos “contam histórias da volatilidade locacional”,³⁴ alterando assim as próprias idéias de identificação social e nacionalidade, ao mesmo tempo em que os estudos tradicionais de migração e diáspora ou mesmo os que pregam teorias de assimilação, todos estes macro-sociológicos, são insuficientes para a compreensão destas pessoas cujos laços familiares estão sempre tensionados, mas nem sempre perdidos.

Podemos observar que o estudo da família transnacional nos permite, por sua vez, compreender de maneira mais acurada as próprias modulações das idéias de identidade social, comunidade e mesmo identidade nacional que são produzidas pelas pessoas que migram, colocando em risco não só os laços sociais já existentes como também a própria “cultura de origem” ao migrar por conta de “genocídios, guerras, migrações forçadas e políticas intolerantes”.³⁵ Para Schiller, Basch e Blanc,³⁶ as razões para a migração transnacional também estão fortemente atreladas ao próprio sistema mundial capitalista, cuja lógica de acumulação, produção, distribuição, investimento, comunicação e coordenação são atualmente dadas em nível global. Desse modo, as pessoas migrariam também em busca de melhores oportunidades econômico-financeiras – e subseqüentemente melhores sistemas de educação, segurança etc. – em outros locais, principalmente “aqueles que ainda exercem papéis centrais na acumulação de capital”,³⁷ como países economicamente relevantes como Estados Unidos, Inglaterra, muitas vezes espalhando os membros familiares em um ou mais territórios no globo. Percebe-se, portanto, a necessidade de nos voltarmos para estudos das “micro-políticas e práticas sociais”,³⁸ agora no âmbito da casa e da família para compreender os processos de reprodução social que, embora influenciados pelos processos macro-sociológicos, políticos e econômicos da globalização, não são totalmente perceptíveis no que

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, p. 7. Tradução livre do original em inglês.

³⁵ *Ibidem*, p. 7. Tradução livre do original em inglês.

³⁶ SCHILLER, Nina Glick., BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton, *op. cit.*, p. 50.

³⁷ *Ibidem*, p. 50. Tradução livre do original em inglês.

³⁸ YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora. “Transnationalizing the ‘Asian’ family: imaginaries, intimacies and strategic intents”, p. 307.

concerne à organização familiar e sua vida cotidiana. Desse modo, é possível identificar uma morfologia social³⁹ e sua reprodução dentro do transnacionalismo através da família transnacional até então não percebidas. Morfologia, porém, mutável e que pode adquirir as mais variadas formas de acordo com outras variáveis, como o envio de remessas, estratégias específicas etc.

Para Bryceson e Vuorela,⁴⁰ a família transnacional, entendida enquanto um constructo social e não um produto da Natureza, como possibilitado pelos estudos mais recentes sobre família e parentesco, permite os mais variados arranjos para pensar a sua própria identidade social e seu sentimento de pertencimento a uma comunidade.⁴¹ “Famílias, etnicidades e nações podem ser vistos enquanto comunidades imaginadas. Alguém pode ter nascido em uma família e em uma nação, mas o senso de pertencimento pode ser fruto de escolha ou negociação”.⁴² Desse modo, enquanto essas famílias se distendem ao longo do planeta, reavaliando e negociando suas maneiras de ver o mundo, existe um esforço emocional quanto à manutenção da família no sentido de criar este sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada”, produzindo não apenas uma “cultura híbrida” entre a “cultura de origem” e a “cultura receptora”, mas memórias e imaginários particulares quanto à terra natal, nação de origem e os membros da família que ficaram para trás. Fica evidente a dívida dessa perspectiva teórica em relação aos desenvolvimentos recentes da noção de família, principalmente na ênfase nas relações em detrimento de qualquer naturalização de laços biológicos.

Temos como ilustração a auto-etnografia de Marcela Ramirez⁴³ que, enquanto salvadorenha vivendo na Austrália, é tratada por alguns, mais como “australiana” do que salvadorenha por ter acolhido uma série de caracteres do modo de vida no país em que escolheu morar. Isso acarretou uma “dinâmica emocional”⁴⁴ perturbadora para Marcela, levando ao sentimento de exclusão por parte da própria família, apesar de se sentir salvadorenha e ter um conjunto de narrativas e memórias quanto aos seus parentes. Como aponta Chamberlain e Leydesdorff,⁴⁵ “os

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla, *op. cit.*

⁴¹ *Ibidem*, p. 10. Perspectiva também vista por: SUTTON, Constance R. “Celebrating ourselves: the family reunion rituals of African-Caribbean transnational families”.

⁴² *Ibidem*, p. 10. Tradução livre do original em inglês.

⁴³ RAMIREZ, Marcela, SKRBIŠ, Zlatko; EMMISON, Michael. “Transnational Family Reunions as Lived Experience: Narrating a Salvadoran Autoethnography”.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 427.

⁴⁵ CHAMBERLAIN, Mary; LEYDESDORFF, Selma. “Transnational families: memories and narratives”.

migrantes (...) são feitos por suas memórias do seu local de nascimento, sua terra natal, aqueles deixados para trás – interrupções em suas narrativas de vida que requerem re-sequenciamento, remodelagem e reinterpretação⁴⁶ na medida em que encaram o processo migratório. Vemos, portanto, o esforço da criação e recriação de subjetividades específicas destes transmigrantes quanto ao seu deslocamento entre fronteiras nacionais que criam sentimentos de pertencimento e de unidade da família transnacional. Como percebem Yeoh, Hang e Lam,⁴⁷ Bryceson e Vuorela⁴⁸ e Baldassar,⁴⁹ esses processos hoje são muito influenciados pelas novas tecnologias de comunicação e transportes que permitem à família transnacional estar interligada graças à internet, aos e-mails, telefonemas, faxes, visitas periódicas aos parentes em reuniões familiares, mecanismos que de acordo com Baldassar⁵⁰ permitem o contato e o suporte emocional entre membros distantes garantindo assim o “fazer família” mesmo dentro destes fluxos migratórios transnacionais.

Como observa Canales,⁵¹ o envio de remessas está fortemente atrelado aos fluxos migratórios: as pessoas migram e reorganizam as suas vidas e famílias muitas vezes com base na busca de melhores condições econômico-financeiras, sociais e políticas, deixando para trás vários membros familiares e muitas vezes mantendo o seu vínculo com a família – agora transnacional – através do envio de remessas. Analisando os transmigrantes que saem do México com destino aos Estados Unidos, Canales⁵² demonstra através de uma série de análises estatísticas que apesar de ser um dos objetivos mais comuns dos movimentos migratórios, neste caso em particular as famílias transnacionais não recebem remessas de maneira uniforme, nos fazendo questionar sobre quais outras variáveis sócio-demográficas podem estar implicando diretamente na própria constituição da família transnacional. Pelo seu estudo, temos a importante inferência de que o envio de remessas entre membros de famílias transnacionais está vinculado às redes sociais e familiares estabelecidas no fluxo, além de estar também ligado ao próprio ciclo da família transnacional e não apenas voltado ao aspecto econômico e material das remessas em si, mas como

⁴⁶ *Ibidem*, p. 228.

⁴⁷ YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora, *op. cit.*

⁴⁸ BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla, *op. cit.*

⁴⁹ BALDASSAR, Loretta. “Transnational Families and the Provision of Moral and Emotional Support: The Relationship between Truth and Distance”.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 400.

⁵¹ CANALES, Alejandro I. “The role of remittances in the transnational family relationships configuration”.

⁵² *Ibidem*.

uma questão de reprodução familiar e, porque não, cultural. Veremos mais adiante um exemplo dessa função emocional das remessas.

A análise de Canales⁵³ nos mostra que o envio de remessas de transmigrantes entre Estados-Unidos e México está preso a uma série de variáveis sócio-demográficas, como a história ou experiência migratória dos membros familiares, a composição e estrutura da família, o ciclo familiar, ou seja, a própria morfologia e temporalidade familiar: a primeira fase do envio de remessas a estas famílias transnacionais é destinada unicamente ao consumo imediato até a estabilização econômica da família, quando o uso dessas remessas se volta para a construção ou melhoria das casas dessas famílias, culminando por fim numa terceira fase, voltada para assuntos específicos, como auxílio a parentes necessitados⁵⁴ etc.

O vínculo que mantém essas pessoas unidas em uma família e comunidade transnacional se dá, além das questões econômicas, por uma série de símbolos culturais que são trocados no contato entre as duas nações, voltados à própria reprodução familiar, como os valores de reciprocidade, solidariedade e responsabilidade dos membros que partem para outro país sem se desprenderem da família, enviando remessas nesta confluência de ordem econômica e simbólica: “com o envio de remessas não apenas dinheiro e mercadorias circulam como também permite-se a reprodução de relações culturais, identidades simbólicas e coletivas”.⁵⁵

Por outro lado, percebemos diante da literatura que o empreendimento familiar em busca apenas de melhores condições econômico-financeiras em outro país não é o único tipo de projeto migratório. Temos, por exemplo, o caso dos Fawzi, apresentado por Bryceson e Vuorella,⁵⁶ que demonstram como essa família, transnacional por excelência, decide-se deslocar pelo globo com outro tipo de estratégia, aqui como forma de melhorar não só as condições de vida como garantir uma relativa mobilidade social. Fawzi nasceu na Tanzânia, porém, tendo vivido por pouquíssimo tempo em sua terra natal, migrou para o Quênia, Paquistão, Inglaterra e por fim fixou residência nos Estados Unidos, mantendo um sentimento particular de “lealdade” à nação de origem ao se dizer tanzaniana e quanto à própria família – multi-local, espalhada por vários países que incluem Hong Kong, Índia, Quênia, Inglaterra, Paquistão e Estados Unidos.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 156.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁶ BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla, *op. cit.*

Foi a migração transnacional que permitiu à família de Fawzi obter algumas características distintivas frente ao colonialismo britânico, como aprender o inglês com um sotaque diferenciado, britânico, e habilidades sociais específicas que garantiram uma mobilidade social mantida pelo deslocamento contínuo. Possuindo seus membros um sentimento de unidade e afeição, mesmo distantes uns dos outros e vivendo em vários países diferentes, Bryceson e Vuorela⁵⁷ sugerem, neste exemplo, que a família transnacional pode ser entendida em alguns casos também como um modo de vida, nos possibilitando identificar outras estratégias das famílias transnacionais além da busca de sobrevivência econômica em outros países. Como pensam Yeoh, Huang e Lam,⁵⁸ em alguns casos específicos “transnacionalizar a família pode se tornar também um movimento estratégico feito para cumprir projetos específicos voltados para a melhoria de maneira geral do bem-estar ou do *status* da família diante das novas circunstâncias”⁵⁹, como buscar por um capital simbólico e/ou social diferenciado, como, por exemplo, quando migram para garantir uma boa educação para os filhos etc.

Caso bastante interessante pode ser encontrado no estudo de Panagakos⁶⁰ referente a mulheres descendentes de gregos nascidas no Canadá que partem para a Grécia em busca de um marido grego como forma de afirmar assim uma identidade grega, forjando e (re)formando a família grega transnacional. Panagakos⁶¹ mostra como essas mulheres que partem para a Grécia, idealizam, conhecem e se casam com gregos, produzindo uma série de problemas quanto aos sistemas de gênero e etnicidade, uma vez que se casam geralmente contra a vontade dos pais no Canadá e são obrigadas a viverem de acordo com os modelos de família gregos, além de enfrentarem uma série de preconceitos por serem mulheres – ocidentais – com um estilo de vida e moral “decaídos”. Obtendo suporte financeiro dos pais, as mulheres estudadas pela pesquisadora ou retornaram com seus maridos para o Canadá ou se divorciaram, sendo neste último caso, a justificativa para o recomeço de um círculo vicioso quando voltam a pensar na busca pelo marido na Grécia como forma de consolidar uma “experiência grega”⁶² genuína ou, como sugere a autora no título de seu artigo, uma “odisséia reciclada”.⁶³

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora, *op. cit.*

⁵⁹ *Ibidem*, p. 312.

⁶⁰ PANAGAKOS, Anastasia N. “Recycled odyssey: creating transnational families in the Greek diaspora”.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² *Ibidem*, p. 299. Tradução livre do original em inglês.

⁶³ *Ibidem*. Tradução livre do original em inglês.

Nesses casos específicos, geralmente envolvendo famílias transnacionais em melhor situação financeira em seus países de origem como pensa Yeoh, Huang e Lam,⁶⁴ percebemos como o projeto de família transnacional pode ser variado e não preso unicamente à idéia do envio de remessas, como nos mostra o estudo de Canales⁶⁵ apresentado anteriormente. Para Yeoh, Huang e Lam⁶⁶ o estudo das famílias transnacionais, vinculado à idéia de uma morfologia transnacional na maneira de entender a reprodução social pode nos mostrar uma série de narrativas e estratégias dessas pessoas para migrarem para outros países, porém longe de oferecer algum modelo único e explicativo de todo o processo, havendo a necessidade de levarmos em conta também as variadas motivações individuais para a empreitada: inúmeras são as razões e motivações para as pessoas dentro dessas famílias transnacionais migrarem, ocasionando em variados tipos de arranjos e rearranjos familiares, cujos estudos ainda estão longe de serem esgotados.

Famílias transnacionais em Governador Valadares

Nesta parte final do artigo fazemos a análise de um processo cultural que tem relação íntima com as dinâmicas de famílias transnacionais, no caso, a construção de Casas.⁶⁷ Esse exemplo foi descrito a partir da etnografia da cidade de Governador Valadares (Minas Gerais, Brasil), intrinsecamente ligada ao fluxo emigratório internacional.⁶⁸ Desde o último quarto do século passado a cidade tornou-se uma espécie de capital nacional da emigração. Como indicam vários autores⁶⁹ essa movimentação era destinada principalmente para os EUA. A etnografia indicou que as pessoas emigram para construir o projeto futuro de suas famílias e constituir novas centralidades nas suas relações; estando longe, o que produz a relação familiar não é mais a convivência e o sangue, mas o envio de sinais diacríticos de presença e interesse no núcleo familiar (remessas, bens, telefonemas, emails, vídeos).

⁶⁴ YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora, *op. cit.*

⁶⁵ CANALES, Alejandro I., *op. cit.*

⁶⁶ YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora, *op. cit.*

⁶⁷ O uso em itálico se refere ao conceito de Casa levi-straussiano, discutido a seguir.

⁶⁸ Cf. MACHADO, Igor José de Renó. "Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares", in *25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Goiânia, 11 a 14 de junho de 2006. CD-ROM.

⁶⁹ ASSIS, Gláucia. "Estar Aqui..., Estar Lá...: Uma Cartografia da Emigração Valadarense para os EUA"; SOARES, Weber. "Emigração e (I)mobilidade Residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano".

Autores como Carsten⁷⁰ têm reelaborado a idéia de “sociedades de Casa” de Lévi-Strauss,⁷¹ usada como instrumento para renovar os estudos sobre parentesco e família. Carsten não se interessa tanto pela idéia da Casa como uma pessoa moral, mas sobre a Casa como um universo de construção de relações fundamentais da vida de pessoas no mundo inteiro. Influenciada por Strathern,⁷² que enfatiza como sujeitos são frutos de relações que constroem e desconstroem ao longo da vida, Carsten analisa as relações que se constroem no interior da casa, preocupada principalmente com a noção complexa de substância. A comensalidade produz a co-substancialidade em algumas sociedades, e esta produz relações variadas desde proibições de incesto até regras de etiqueta. Habitar com outros insere os sujeitos em sistemas de trocas que “relacionam” e/ou criam parentes. Para a autora, adotar essa perspectiva sobre a Casa permite escapar às formas para lidar com “substâncias”, permitindo uma postura “processual”.

Em Valadares, identificamos uma necessidade imperiosa da compra da casa própria entre as famílias transnacionais. Os dados levantados em nossas pesquisas⁷³ indicam que essa casa própria é mais que um espaço físico, mas também um valor moral. A casa própria é um demarcador da possibilidade de construção da Casa. O caso nos bairros pobres de Valadares, de onde saem os migrantes na sua maioria, indica uma vontade coletiva de construção física de uma casa, que seria a sede oficial da própria família. Esse processo demonstra que é a posse da casa que possibilita independência em relação às famílias originais, seja do marido ou da esposa. Assim, o processo implica a composição de novas Casas⁷⁴ e resulta em sucessivos rompimentos, pois não há a vontade de “continuar” as famílias originais.

Aqui, portanto, convém distinguir a casa (habitação) da Casa (centralidade de relações do casal), pois a segunda ampara a estrutura

⁷⁰ CARSTEN, Janet, *op. cit.*

⁷¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Oleira ciumenta*; LÉVI-STRAUSS, Claude “História e etnologia”.

⁷² STRATHERN, Marilyn, *op. cit.*

⁷³ A pesquisa foi realizada em Governador Valadares em cinco momentos: o primeiro realizado em julho de 2005 por Ellem Saraiva Reis e Lara Rezende, o segundo realizado em fevereiro de 2006 por Ellem Saraiva Reis e Alexandra Gomes de Almeida, o terceiro realizado em fevereiro de 2007, por Thaísa Yamaúie e Arielle Basinello, o quarto em Julho de 2007, por Alexandra Gomes de Almeida e Thaísa Yamaúie, e o quinto, em janeiro e fevereiro de 2008, por Alexandra Gomes de Almeida, Fábio Stabelini e Amanda Guerreiro. Foram realizadas cerca de 90 entrevistas semi-estruturadas nesses cinco momentos. Os entrevistados são, em geral, moradores de bairros pobres da cidade, marcados pela grande emigração internacional.

⁷⁴ Consideradas como famílias que conseguem centralizar relações e se tornar independentes de outras Casas.

social e explica a movimentação internacional e aponta para a formação das fronteiras internas à vida local, e a primeira é uma necessidade para a existência da segunda, com a condição de ser descolada da casa (habitação) dos pais. Os emigrantes partem para construir Casas e, para isso, precisam de recursos para construir uma casa (habitação) que dê condições e sustentabilidade para aquelas. Também devemos matizar esse descolamento da Casa dos pais, já que não se trata, necessariamente, de pais biológicos: a Casa com a qual se “rompe” para formar a própria pode ser capitaneada por pais, tios e até não-parentes. Rompe-se com a Casa na qual se inseria anteriormente.

A contradição desse processo é que durante a ausência de um ou de ambos os membros ao longo da migração, a família nas quais as relações vinham sendo construídas resulta incompleta: um marido ausente significa a ausência da produção cotidiana do parentesco, da co-substancialidade, das relações. Contra essa incompletude paira o risco constante de esfacelamento e “des-substancialização”. Esse risco não é novidade, nem inconsciente: todos que se arriscam na aventura migratória têm plena consciência desse perigo. Todos sabem que as relações serão colocadas em risco.⁷⁵ As relações precisam, portanto, de uma estruturação que independa da presença física de alguns de seus membros. Essa estruturação seria tipicamente uma forma transnacional de organizar a família, porque a família está simultaneamente em dois lugares e existe desta maneira. O que antes era uma forma de convivência cotidiana passa a ser trocado pela circulação de dinheiro, na forma de remessas e presentes. Essa circulação de presentes e dinheiro indica a continuidade da relação entre as pessoas da família que continua existindo, mesmo estando espalhada entre dois ou mais países. O objetivo comum de construir uma Casa permite uma estruturação transnacional, se bem que nesse caso muito mais voltada ao país de origem.⁷⁶

As relações podem ser fortalecidas ou enfraquecidas com a ausência prolongada e tudo depende da manutenção das relações através de outros meios que não o da convivialidade: a circulação de remessas de dinheiro aparece como um substituto simbólico para essas relações que definiriam uma Casa. A sua manutenção ao longo do tempo significa que os planos originais de constituir a própria Casa estão ainda sendo

⁷⁵ Ao contrário de boa parte da bibliografia sobre família transnacional, apontamos para as possibilidades de fragmentação da família no processo de “transnacionalizar-se”. Nem todos conseguem constituir famílias transnacionais que superem as adversidades da migração.

⁷⁶ Aqui é preciso também notar que as formas de transnacionalização das famílias são distintas também em relação à ênfase em um ou outro universo cultural.

construídos. Percebemos uma tensão constante, na fala dos entrevistados, entre a idéia de desestruturação da família e os planos e projetos familiares. Os fracassos e brigas gerados no seio da emigração são contrapostos aos casos onde os planos foram bem sucedidos, nos quais a casa foi comprada e a família se reorganizou em novos patamares: ou seja, quando a Casa e a sua sustentação ao longo do tempo garantem uma centralidade nas relações do casal. A tensão entre um modelo familiar transnacional “com ausência” permitida e o desejo de um modelo familiar tradicional resulta numa flexibilização das formas de viver a conjugalidade e as mudanças radicais na educação e criação dos filhos. Persiste também uma constante ameaça do sonho ruir perante as pressões da situação de migração.

Conclusão

Esse caso etnográfico sugerido demonstra exemplarmente a estruturação de famílias transnacionais, divididas entre continentes e marcadas pela ausência contínua. Mas, a ausência é suprida por outra forma de relação: a circulação de bens e dinheiro, que de alguma forma substituem a convivência sob o mesmo teto, como também no caso descrito por Canales.⁷⁷ O projeto desse teto comum na forma de uma habitação que sedie uma Casa é também outra forma de estruturar a família transnacional valadarense, justamente por ser o impulso que leva à emigração.

Assim, as famílias transnacionais se organizam com base em relações diversas, mas marcadas, sempre, pela conexão entre dois ou mais países distintos. A conexão se dá justamente por algum tipo de relação que produz a continuidade do projeto familiar, se bem que sempre sujeito ao perigo do desfazimento, aspecto menos enfatizado na bibliografia.

Procuramos aqui, de forma sintética, sistematizar o conhecimento sobre a noção de família transnacional, recorrendo à literatura corrente sobre o tema e a um exemplo etnográfico. Cabe ressaltar, finalmente, que o exemplo é apenas uma configuração das relações que estruturam famílias transnacionais, uma vez que as possibilidades, como indica a bibliografia, são muito vastas.

⁷⁷ CANALES, Alejandro I., *op. cit.*

Bibliografia

- ASSIS, Gláucia. "Estar Aqui... Estar Lá... Uma Cartografia da Emigração Valadareense para os EUA", in SALES; REIS (orgs). *Cenas de Um Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BALDASSAR, Loretta. "Transnational Families and the Provision of Moral and Emotional Support: The Relationship between Truth and Distance". *Identities: Global Studies in Culture and Power*. London: Routledge, v. 14, n. 4, 2007, p. 385 – 409.
- BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla. *The Transnational Family – New European Frontiers and Global Networks, Cross-Cultural Perspectives on Women*. Oxford: BERG, 2002.
- CANALES, Alejandro I. "The role of remittances in the transnational family relationships configuration". *Papeles de POBLACIÓN*. CIEAP/UAEM, n. 44, abril/junho 2005, p. 157-158.
- CASTRO, Celso (org). *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHAMBERLAIN, Mary; LEYDESDORFF, Selma. "Transnational families: memories and narratives", in *Global Networks* Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership, v. 4, n. 3, 2004, p. 227-241.
- CARSTEN, Janet. *After Kinship*. London: Cambridge University Press, 2004.
- DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq, 1986.
- DURHAM, Eunice R. (org.). *Malinowski. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1986.
- FONSECA, Cláudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- _____. "De família, reprodução e parentesco: algumas considerações". *Cadernos Pagu*. Campinas: Editora da UNICAMP, número 29, 2007.
- FRANCHETTO, Bruna.; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. "Antropologia e Feminismo", in *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 1, 1980, p. 11-47.
- GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- GUEDES, Simoni; LIMA, Michelle. "Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores", in BARROS, Myriam L. *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.131-163.

- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HERITIER, Françoise. "Família", in *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 20, 1989, p. 81-94.
- HOWELL, Signe. "Kinning; the creation of life trajectories in transnational adoptive families". *Royal Anthropological Institute*, n. 9, 2003, p. 465-484.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Família", in SHAPIRO, H. L. *Homem, Cultura e Sociedade*. Lisboa: Fundo de Cultura, 1956, p. 308-333.
- _____. *Oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. "História e etnologia", in *Textos didáticos*. IFCH/UNICAMP, n. 24, 1999.
- LUNA, Naara. *Provetas e Clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- MACHADO, Lia Zanotta. "Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil". *Interface – Comunic, Saúde, Educ*, v. 4, n. 8, 2001, p.11-26.
- MAINE, Henry. *Ancient Law*. Londres, 1861.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (Coleção Ciências Sociais), 1982.
- MCLENNAN, J. F. *Primitive Marriage*. Edimburgo, 1865.
- MORGAN, Lewis H. *Ancient Society*. Nova York, 1877.
- PANAGAKOS, Anastasia N. "Recycled odyssey: creating transnational families in the Greek diaspora", in *Global Networks* Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership, v. 4, n. 3, 2004, p. 299–311.
- PISCITELLI, Adriana. "Recriando a Categoria Mulher", in L. M. Algranti (org.). *A Prática Feminista e o Conceito de Gênero*. Textos Didáticos, n. 48, 2002, p.7-42.
- RAMIREZ, Marcela, SKRBIŠ, Zlatko; EMMISON, Michael. "Transnational Family Reunions as Lived Experience: Narrating a Salvadoran Autoethnography", in *Identities: Global Studies in Culture and Power*. London: Routledge, v. 14, n. 4, julho 2007, p. 411-431.
- SAHLINS, Marshall. "O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um objeto em via de extinção" Parte I e II, *Revista Mana*, v. 3, n. 1, 1997, p. 41-73, *Revista Mana*, v. 3, n. 2, 1997, p. 103-150.
- SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

- SCHILLER, Nina Glick, BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. "From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration", *Anthropological Quarterly*, v. 68, n. 1, Janeiro/1995, p. 48-63.
- SCHNEIDER, David. *American Kinship: a cultural account*. New Jersey: Prentice-Hall, 1968.
- SINGLY, François. "O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar", in PEIXOTO, Clarice. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p.13-19.
- SOARES, Weber. "Emigração e (I) mobilidade Residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano", in SALES; REIS (orgs). *Cenas de Um Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- STRATHERN, Marilyn. *Reproducing the future: Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*. New York: Routledge, 1992.
- SUTTON, Constance R. "Celebrating ourselves: the family reunion rituals of African-Caribbean transnational families", in *Global Networks* Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership, v. 4, n. 3, 2004, p. 243-257.
- THORNE, Barrie. "Feminism and the family: two decades of thought", in THORNE, B.; YALOM, M. (orgs.) *Rethinking the family: Some feminist questions*. Boston: Northeastern University Press, 1992.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. "Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias". *Interseções: Revista de Estudos Disciplinares*. Rio de Janeiro: PPGCS/UERJ, n. 2, ano 3, jul/dez 2001, p. 45-52.
- YEOH, Brenda S. A., HUANG, Shirlena; LAM, Theodora. "Transnationalizing the 'Asian' family: imaginaries, intimacies and strategic intents", in *Global Networks* Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership, v. 5, n. 4, 2005, p. 307-315.